

REVISTA

RI

RELAÇÕES COM INVESTIDORES

ESPECIAL
**SUSTENTABILIDADE
& GOVERNANÇA**

Arleu Anhalt

Eduardo Costa da Silva

Eduardo Tomiya

Fábio Feldmann

Fernando Carneiro

Ives Pereira Muller

Mark Simms

Monica Brandão

Paulo Esteves

Paulo Vanca

Roberto Gonzalez

Roberto Teixeira da Costa

Sandra Guerra

Sérgio Pita

Soraia Duarte

Al Gore
fotografado por
James Rexroad

UMA VERDADE SUSTENTÁVEL

AL GORE

PRÊMIO NOBEL DA PAZ

POR WILLIAM F. MAHONEY

117
NOV. 2007
R\$ 12,00



EMPRESAS BRASILEIRAS BUSCAM VISIBILIDADE NO MERCADO NORTE-AMERICANO

Foto: Edu Morais

FABIO FELDMANN

EXPERT EM MEIO AMBIENTE &
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

por Marion Monteiro*

Um dos mais importantes articuladores do país para a implementação dos tratados sobre mudança do clima, biodiversidade e temas ligados ao meio ambiente, o advogado, ex-deputado e consultor Fabio Feldmann tem uma certeza: o tema sustentabilidade veio para ficar e está inserido na agenda do mundo dos negócios. E adverte que as empresas não podem mais desprezar a questão socioambiental como meta porque terão que prestar conta não só à sociedade civil - cada vez mais organizada - e, num mundo globalizado, aos seus exigentes investidores.

Atualmente, ocupando o cargo não remunerado de secretário-executivo do Fórum Paulista de Mudanças Climáticas Globais e Biodiversidade, dirige seu próprio escritório de consultoria que trabalha principalmente com questões relacionadas ao meio ambiente e ao desenvolvimento sustentável. Para ele, há aspectos comuns entre Governança Corporativa e a Sustentabilidade na medida em que os investidores estão cada vez mais globalizados e querem saber mais sobre as duas práticas para avaliar a escolha e o risco de seus investimentos. "Essas práticas vieram para ficar. Por isso, as empresas têm que ter uma cultura interna que as permitam enfrentar estas questões e compreender as novas demandas da sociedade", diz. É quem adota uma boa prática de governança traz a premissa de uma visão cosmopolita de empresa. "O mundo contemporâneo exige essa visão. Saber que as empresas não estão apenas voltadas apenas para o lucro, como há 50 anos. Elas passaram a ter uma função social e isso significa incorporar novas questões, como a sustentabilidade em suas metas", ressalta o consultor, acrescentando que é só uma questão de tempo, principalmente depois dos preocupantes relatórios sobre Aquecimento Global pela ONU. E só lamenta que mais empresas abertas não façam parte do ISE - Índice de Sustentabilidade Empresarial, iniciativa liderada pela Bovespa com apoio do IFC, do grupo Banco Mundial, que promove o investimento sustentável do setor privado dos países em desenvolvimento.

Há alguns anos, o tema sustentabilidade era totalmente desconhecido pelas empresas e a sociedade. Hoje, está se incorporando aos negócios e mais que isso: passou a ser estratégico para muitas companhias de grande porte. Há consenso no mercado global que as companhias que adotam esse conceito têm uma imagem mais limpa. Segundo Feldmann, com essas metas as empresas têm maior potencial de criar valor. Caso contrário há riscos de problemas, especialmente no capital reputacional, ativo intangível que deve ser levado em conta. E cita os casos em que é empregada mão-de-obra infantil ou de atividades predatórias que colaboram para o desmatamento da Amazônia. "Há 15 anos, não existiam ONGS tão atuantes. Uma empresa que atuasse de forma predatória com o meio ambiente não tinha diálogo com as comunidades e ponto final". Nos últimos anos as coisas mudaram e o que é mais importante é a capacidade dialogar com a sociedade ou comunidades afetadas. E cita o caso da Alcoa, que tem uma atividade exploratória de bauxita - matéria prima do alumínio - no Pará, que está se engajando num trabalho em comunidade. Inclusive surgiu o jargão licença de "operar" da sociedade, válido tanto para pequenas empresas como para as de grande porte e até mesmo para um empreendimento imobiliário que vai construir numa área importante do ponto de vista ecológico. Ou seja, para obter a licença tem que ser assegurado que o impacto ambiental será o menor possível. No início de novembro,

Feldmann esteve em Belém do Pará onde foi criado o Fórum pela Amazônia Sustentável, iniciativa da sociedade civil com empresas privadas e órgãos dos governos federal e estaduais. O fórum teve como destaque a promoção das mudanças necessárias no modo de as empresas se relacionarem com a Amazônia, e o monitoramento das suas atividades. A atuação das empresas será avaliada por indicadores de sustentabilidade. "As empresas que atuam na região sabem que têm que incorporar essas práticas, senão há risco do capital reputacional e de ações judiciais que podem prejudicar o acesso a determinados mercados, principalmente, o europeu, onde as exigências em relação ao meio ambiental são enormes e rigorosas", adverte.

ASSISTENCIALISMO

O consultor conta que ainda há muita confusão entre sustentabilidade e assistencialismo. Segundo ele, os dois conceitos são totalmente diferentes e as empresas que continuam a tratar a questão da responsabilidade socioambiental como filantropia na certa vão enfrentar desafios concretos. É que terão que passar por situações para as quais não estavam preparadas no seu relacionamento com a sociedade e até mesmo com seus investidores. "Um dos itens importantes é saber relacionar-se com a sociedade como um todo, sejam investidores ou consumidores e com as ONGS. Não é o relacionamento cujo

pressuposto básico é o assistencialismo", diz. A consciência da responsabilidade socioambiental pode levar a empresa a fazer o uso mais eficiente dos seus recursos naturais, a reduzir a emissão de gases efeito estufa ou rejeitos e a melhorar o relacionamento com todos os agentes da sociedade. "Antes, essa relação era marcada pelo autoritarismo, mas essa mentalidade está mudando. A fase do assistencialismo não cola mais. Não adianta a empresa ter investimentos socioambientais fora de seu core business. A sociedade não se deixa mais enganar e por mais que a empresa tenha capacidade de investimentos em projetos socioambientais, isso por si só não é suficiente. Os mecanismos de cobrança são enormes e mais poderosos do que há décadas. A percepção de que há de fato falta de sinceridade desqualifica suas atividades filantrópicas e o efeito é pior para a empresa, já que o objetivo é sempre o de assegurar credibilidade à empresa diante da sociedade".

Quais os desafios para as empresas daqui para frente? Na opinião de Feldmann é o de criar uma cultura de sustentabilidade, um tema novo e uma mudança grande de paradigma, que deve atingir a todos os funcionários de uma companhia, sejam engenheiros ou da área de finanças e marketing. Ele observou casos em que há conflitos de visões dentro de uma organização. Por exemplo, o presidente do conselho de administração pode estar envolvido com o tema, mas alguns executivos não levam a questão a sério. E, por vezes, é ao contrário. Por isso, defende a necessidade de uma visão holística (do todo) e da importância de levar o tema para colaboradores e fornecedores. "Isso é uma decisão importante a ser tomada. Se a empresa tem fornecedores com práticas insatisfatórias, quem será cobrada? Ela mesma é quem vai pagar a conta", sentencia. O mesmo vale para os profissionais de RI. "Eles têm que conhecer sustentabilidade a fundo. Tem que fazer parte da cultura deles", diz.

CETICISMO

Além das metas de sustentabilidade, é muito importante ainda que as empresas fiquem atentas aos produtos que lançam no mercado, como é o caso da indústria automobilística. Para mais tarde não serem cobradas pela sociedade, clientes e investidores. Há 30 anos, no entanto, as

pessoas não tinham menor noção sobre a questão socioambiental, mas de lá para cá houve uma mudança de mentalidade. Segundo Feldmann, num primeiro momento o movimento foi visto com muito escárnio e ceticismo, a exemplo do que ocorreu com as práticas de Governança Corporativa. Ou então como folclore. "Antes, as grandes empresas não tinham necessidade de incorporar questões como responsabilidade social ou sustentabilidade, não se viam obrigadas a isso. A sociedade hoje está cada vez mais exigente e não tolera mais posturas irresponsáveis. As empresas ainda estão em processo de transformação. O que requer a mudança da cultura interna que pressupõe o engajamento da alta administração e da empresa como um todo. Requer vontade política e tempo".

O consultor advertiu, mais uma vez, que não há possibilidade de se desprezar essas questões nos dias de hoje e que as empresas têm que se preparar melhor para ter condições de competir nos mercados doméstico e internacional. O próprio investidor está cada vez mais exigente numa economia globalizada e basta uma empresa brasileira sofrer um comentário negativo num jornal de grande circulação nos Estados Unidos, por exemplo, que o efeito é o pior possível. E é sempre bom ficar atento, pois as fronteiras não são mais fechadas e a preocupação com o meio ambiente já está virando uma referência na hora de investir. Não é à toa que, recentemente, Feldmann foi a primeira pessoa a ser contactada por um grupo de investidores estrangeiros que representavam fundos bilionários e uma das preocupações era em relação ao desmatamento da Amazônia e a sustentabilidade global.

INOVAÇÃO

A reflexão sobre o equilíbrio do meio ambiente começou ainda em 1972 com a realização da primeira Conferência Mundial de Meio Ambiente, em Estocolmo, na Suécia. Administrador de empresas formado pela Faculdade

Getúlio Vargas em 1977 e advogado pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco em 1979, Feldmann tomou consciência da questão ambiental depois de ler o clássico Limites do Crescimento, realizado por uma equipe do Massachusetts Institute of Technology (MIT) coordenada por Donella Meadows, a pedido do Clube de Roma, uma entidade informal de empresários, estadistas e cientistas e ficou fascinado. O polêmico relatório era profético ao afirmar que a Humanidade correria sérios riscos de sobrevivência no Século XXI por causa do ritmo do crescimento da população, da utilização de recursos naturais, da poluição, entre outros fatores. Eleito deputado federal para três mandatos consecutivos (1986 - 1998), pelo PSDB, participou da elaboração da Constituição de 1988, sendo responsável pelo capítulo destinado ao meio ambiente. E passou mais bocados por causa de seu engajamento. Como advogado, na década de 80, iniciou a luta contra a poluição de Cubatão, pólo petroquímico de São Paulo, conhecido como o "Vale da Morte" e "área de segurança nacional". Sua primeira vitória na causa ambiental foi a criação da Associação das Vítimas da Poluição e das Más Condições de Vida em Cubatão. O registro da associação chegou a ser recusado, porque o oficial do cartório alegou que "era uma ameaça à segurança do Estado brasileiro". O que ocorreu em 1983, hoje seria inimaginável. E quando foi deputado constituinte o tema meio ambiente não era considerado uma atividade de parlamentar. E ainda chegou a perder as eleições por ter criado o rodízio de automóveis na cidade de São Paulo a fim de evitar a emissão maciça de gases poluentes na atmosfera. A iniciativa chegou a ser suspensa, mas hoje é uma rotina para os motoristas paulistanos. "No meu caso, como de muitos outros, tive que pagar o preço da inovação", enfatiza.

Como deputado, Feldmann foi autor de diversas leis e projetos de lei que vão desde temas como educação ambiental, resíduos sólidos até energia nuclear e proteção da Mata Atlântica. ■

Fábio Feldmann é consultor, especialista em meio ambiente e desenvolvimento sustentável, secretário-executivo do Fórum Paulista de Mudanças Climáticas Globais e Biodiversidade, fundador da SOS Mata Atlântica e da Fundação Onda Azul, atuando também como conselheiro na The Nature Conservancy Brasil, na Amigos da Terra - Amazônia Brasileira, Instituto Akatu, Centro de Estudos em Sustentabilidade da FGV e recentemente iniciou seus trabalhos como conselheiro do Greenpeace Internacional e do World Future Council.